

nhados nesta união, conforme nos informa, entre outros documentos, uma carta de Poggio Bracciolini ao príncipe Dom Henrique. Uma limitação impõe-se, entretanto, na medida em que o plano não era exclusivamente lusitano, mas latino-cristão (pág. 70), o que nos é confirmado pelo exame de diversos livros populares surgidos na época que coincide com os primeiros tempos da imprensa.

O resultado de todos os sonhos, todavia, foi um malôgro, pois

“the way of life of the Eastern Christians was and is and will perhaps forever be different from that of the West. Many, varied, and often immutable or insurmountable factors — climate and terrain, for example — contribute to this tremendous difference. Many Westerners, irrespective of religious affiliation, find it difficult to adapt to Oriental or any other civilization, however determined their intent to become established in those lands and on the terms which those lands pose, and very often they fail to comprehend that Christianity transcends regional difference.” (pág. 160).

A rigidez, a intolerância dos lusos, pretendendo obrigar os cristãos de Oriente a seguir as práticas da Igreja romana, a “arrogância latina”, enfim, teria sido a grande responsável pelo malôgro, embora Portugal não possa ser responsabilizado por isto, pois seguiu uma política que qualquer país, em situação semelhante, teria adotado e para a qual, de fato, havia precedentes (pág. 179). A atitude geral do Autor para com os portugueses,

“the gallant people of this small proud nation (pág. VIII).

aliás, é de constante simpatia no decorrer de todo o vol., por vezes de maneira expressa, por exemplo, às págs 86 e 179, estendendo-se até mesmo à esfera brasileira, como se vê à pág. 181. Acrescenta-se ao bem documentado volume uma lista de livros publicados entre 1467 e 1546.

PEDRO MOACYR CAMPOS

*

* *

PRADO (J. F. de Almeida). — **São Vicente e as Capitânicas do Sul do Brasil (História da formação da sociedade brasileira)**. As origens (1501-1531), Brasiliana. Volume 314. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1961, 513 págs.

Um lapso de trinta anos que, pelo carecimento documental e bibliográfico, apresenta dificuldades enormes para o seu conhecimento. Eis o período que, reconhecendo como o da proto-história do sul do Brasil, o sr. J. F. de Almeida Prado tenta historiar neste volume de mais de quinhentas páginas.

Vê-se logo que, consagrando uma obra de tais proporções a tema de tão parca documentação disponível, o autor deve ter sido

obrigado a arquitetar um esforço conjectural de reconstituição histórica, discutível na maioria de suas passagens, e por isso mesmo nem sempre aceitável.

Foi o que, realmente, se deu, sem contudo invalidar ou comprometer o valor da profunda pesquisa e da exemplar erudição colocadas a serviço da empresa. As proporções atingidas pelo trabalho foram ainda permitidas pelo fato do mesmo tratar mais das **origens do Brasil**, do que da capitania de São Vicente e das que lhe eram circunjacentes, propriamente ditas.

Nesse sentido, retomou, até certo ponto, a exposição feita na primeira obra que publicou, dentro da monumental série que vem realizando, ou seja **Primeiros povoadores do Brasil**.

Aliás, o que mais nos causa admiração na obra desse historiador, é o seu conjunto, isto é, a perseverança com que, há vinte e sete anos, vem dando a lume, periódicamente, títulos de um vasto e ambicioso plano de escrever a **História da formação da sociedade brasileira**, iniciado em 1935 com a publicação de **Primeiros povoadores do Brasil** (formação histórica da nacionalidade brasileira, 1500-1530), continuado de 1939 a 1942, com os quatro tomos de **Pernambuco e as capitanias do norte do Brasil** (1530-1630), seguido de 1945 a 1950 pelos três tomos de **A Bahia e as capitanias do centro do Brasil** (1530-1626) e que agora, com a edição de **São Vicente e as capitanias do sul do Brasil** (As origens — 1501 a 1531) e o anúncio já dos quatro tomos de **São Paulo e as capitanias meridionais**, vai chegando ao seu almejado termo.

Complementam ainda o seu plano, os estudos sobre **Tomás Ender, um pintor austríaco na corte de D. João VI** (um episódio da formação da classe dirigente brasileira) e **O Brasil e o colonialismo europeu**.

Trata-se, como se vê pelas proporções, de uma obra que, versando especialmente os três primeiros séculos da nossa história, não encontra similar entre nós, dela se aproximando apenas Varnhagen pelo vulto de sua **História Geral do Brasil**.

O volume que é objeto desta resenha, embora rico em conclusões e sugestões oferecidas, em boa parte, conjecturalmente, classifica-se mais como expositivo, alinhavando idéias que mereceriam maior detença em certos fatos históricos, dificilmente passíveis de reconstituição, ou de certos personagens, cuja identificação e feitos não ficam atrás nos impedimentos que apresentam à crítica.

A expansão colonial portuguesa, envolta na emulação do interesse de outras nações, é o grande tema do livro. Dela o autor nos dá erudita visão, bem ao seu gosto, entremeada com o cotêjo de fatos do nosso século, para realçar em sentido não dogmático que a história se repete, ainda que, acertadamente, não acolha esse conceito.

Entusiástico vespuciano, discute vários autores, mostrando-se, todavia, menos revisionista do que sintético e expositivo, aliás longamente expositivo, para o desiderato a que se propôs, isto é, historiar as origens de São Vicente.

Alongando-se sôbre o navegador florentino, o autor podia, perfeitamente, ter feito, com o material reunido, um volume polêmico à parte dêste. Os subsídios que traz para o maior conhecimento de figuras como Jeham Angô, Cristóvão Jacques, Paulmier de Gonneville e outros controversos personagens, cuja atuação tem tanto interesse para a história primitiva do Brasil, são de grande valia, não obstante encerrem muito de pura especulação hipotética.

Possuidor, até há pouco, de uma Brasileira das mais cobiçadas no mundo, reunida pelo seu bom gosto e inteligência, paciente pesquisador e invejável erudito, o sr. João Fernando de Almeida Prado rastejou bibliografia deveras impressionante para o tema que versou. Entretanto, o fêz, o que é deplorável, sem obedecer a critérios ou convenções bibliográficas que muito viriam auxiliar tanto o leitor comum, como o estudioso e o especialista, desejosos de remeter-se às fontes que consultou. Êsse descuido o aproxima muito de Afonso Taunay.

Uma revisão mais atenciosa, poderia evitar que passasse uma concordância como a que se nos depara logo no início da pág. 132, ou o preciosismo daquela *missiva carta* da pág. 82, ou ainda o emprêgo de *marinheria* por *marinharia*, ainda que esta última palavra seja desusada no Brasil, etc.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

*

* *

CASTER (Gilles). — *Le commerce du pastel et de l'épicerie à Toulouse. 1450-1561.* Toulouse. Éditions Édouard Privat. Bibliothèque Meridionale. Faculté des Lettres de Toulouse. Tome XXXVII. 412 pp.

A partir de 1450 mais ou menos a economia francesa tendo atravessado uma das crises mais duras e mais longas da sua história, operou um reerguimento que a fêz entrar brilhantemente na era moderna. Isso é um fato importante da história da França e o seu comércio merece uma atenção particular nesse período de transição da Idade Média para a época moderna. Os estudos sôbre êsse assunto estão ainda na sua fase preliminar, pois existem apenas quatro monografias locais: dois grossos volumes sôbre a Normandia e Marselha, dois menores sôbre Nantes e La Rochelle. Êste livro, consagrado ao comércio tulusano de 1450 a 1561, é uma etapa a mais sôbre a longa rota que a erudição francesa deverá ainda percorrer.

Nessa época, o tráfico tulusano se renovou, parece, em dois setores. Primeiramente a exportação do pastel, planta tintorial muito procurada pela indústria textil e cuja cultura se espalhou muito no Lauragais. A venda dessa matéria prima agrícola deu a Toulouse o